

(RE) CORTES: O DISCURSO SOBRE A AUTOLESÃO FEMININA NO TUMBLR

*Stephanie Cristin Otto*¹
*Kátia Alexandra dos Santos*²

RESUMO:

A autolesão é um tema que vem sendo abordado de forma recente no Brasil e está mais diretamente relacionada ao público feminino. Este trabalho teve como objetivo investigar o discurso sobre a autolesão feminina na plataforma blogging Tumblr. Para isso, tomamos como referencial teórico a Psicanálise lacaniana e a Análise do Discurso. Os dados foram analisados considerando a autolesão a partir de duas hipóteses teóricas, tendo por base a Psicanálise: o Sintoma e o *Acting out*. A partir da análise do *corpus* foi possível perceber que o que perpassava os discursos sobre a autolesão no Tumblr envolvia-se primordialmente com duas questões: uma demanda dirigida a um Outro; e uma forma particular de evitação da e do sofrimento.

PALAVRA-CHAVE: Autolesão. Tumblr. Análise de discurso. Psicanálise. Lacan.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO. Endereço: Rua José Afonso Vieira Lopes, 567, Rebouças-PR. Telefone: (42) 99709842. steph.cristin@gmail.com.

² Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá e Doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Endereço: Rua Duque de Caxias, 135, Irati-PR. kalexandra@yahoo.com.br.

Introdução

Cortar a pele, beliscar-se, arranhar-se, morder-se, queimar-se, puxar a pele e os cabelos são algumas formas de autolesão mais comuns (ROSS & HEATH, 2002). Como formas menos usuais, Whitlock et al (2006) apontam que engolir substâncias tóxicas e quebrar os ossos podem, também, ser formas de se autolesionar.

Conhecida também como automutilação, a autolesão é um tema que vem sendo abordado recentemente no Brasil (BORGES, 2012; ARCOVERDE, 2013). Assim, a escolha da utilização do termo “autolesão” neste estudo se deu por ser uma tradução aproximada dos termos *self harm* e *self injury* utilizados amplamente em publicações no exterior, e também pelo termo já ter sido utilizado em estudo brasileiro (ARCOVERDE, 2013). Outro ponto relevante para a utilização do termo se dá pelo fato de que “autolesão” seria mais apropriado para descrever o fenômeno de que estamos tratando, uma vez que a automutilação seria uma autolesão *maior*, tendo como características a enucleação dos olhos e amputações de membros, estando geralmente associada às psicoses (FAVAZZA, 2006).

Favazza (2006) relata que até o final da década de 80 a maioria dos psiquiatras e psicólogos considerava a autolesão como um comportamento singular, horrível e sem sentido, e que deveria estar de alguma forma ligada ao suicídio. Trinta anos depois, ainda são poucas as pesquisas brasileiras que tentaram compreender as especificidades deste fenômeno.

Autores definem a autolesão como um ato de violência infligido a si próprio sem a intenção de suicídio, embora sua constante repetição possa gerar graves danos ao corpo e ocasionar a morte (BARROCAS et al., 2013; HAWTON & JAMES, 2005; MUEHLENKAMP et al., 2011; NOCK & MENDES, 2008; WHITLOCK, ECKENRODE, SILVERMAN, 2006). Por este motivo, Hawton e James (2005) sugerem que o termo autolesão é preferível à “tentativa de suicídio” ou a “parassuicídio”, uma vez que a gama de motivos e razões para o ato inclui várias intenções não suicidas. Para os autores, mesmo quando a morte é o resultado de um comportamento autolesivo, isso pode não ter sido planejado (HAWTON & JAMES, 2005, p. 891).

Sendo assim, relacionada a uma maneira particular de reagir a uma emoção dolorosa, a autolesão pode se manifestar em diferentes quadros, não sendo uma

manifestação própria de uma doença. Ela se configura como sintoma em estados depressivos, crises de ansiedade, em momentos de impulsividade, agressividade, e em períodos de isolamento social e de desesperança (ROSS & HEATH, 2002, FAVAZZA, 1998). Autores mostram que a autolesão também ocorre em transtornos alimentares e no estresse pós-traumático, relacionada principalmente à punição e ao domínio da angústia (WHITLOCK et al., 2006; MUEHLENKAMP et al., 2011; FAGIN, 2006). Ou seja, enquanto alguns sintomas são próprios de um determinado sofrimento, a autolesão se configura como um sintoma que se adapta a diferentes demandas.

Outro fator relevante é que os estudos sobre a autolesão apontam como sendo um fenômeno predominantemente feminino (ROSS & HEATH, 2002; HAWTON et al., 2002; NOCK & PRINSTEIN, 2004; FAVAZZA, 2006), fato que nos permitiu optar pela realização de um estudo voltado especificamente para a autolesão em mulheres. Pesquisas sobre o tema pontuam ainda que a autolesão tem um caráter epidêmico. Whitlock (2006) demonstra que, uma vez que comunidades sobre a autolesão na internet são visitadas com frequência, acabam fornecendo um meio para a divulgação da prática, assim a tendência é de que a autolesão siga os padrões de epidemia em contextos institucionais, se refletindo também em contextos não clínicos.

Esta questão foi de grande importância para a constituição de nosso foco de análise, uma vez que queríamos compreender que discursos perpassavam ambientes virtuais específicos sobre a temática. Deste modo, partindo de uma plataforma *blogging* chamada “Tumblr”³ e utilizando duas disciplinas indiciárias⁴, sendo elas a Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux em 1969 e a Psicanálise, a partir de Jacques Lacan, entre 1950 e 1976, buscamos aprofundar a compreensão dos discursos acerca da autolesão (PÊCHEUX, 1975; LACAN, 1962-2008).

A escolha da plataforma *Tumblr* deu-se pelo fato desta constituir-se em uma plataforma *blogging* de cadastro gratuito que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, áudio e “diálogos”, ao mesmo tempo em que é possível “seguir” outros usuários e ver seus *posts* em seu painel (*dashboard*⁵). Também é possível “gostar” ou “reblogar”⁶ outros blogs. Levando em consideração que muitas adolescentes utilizam os *blogs* como um diário virtual para relatar o que estão vivendo e sentindo, o *Tumblr* se

³ Tumblr (plataforma *blogging*). Disponível em: <<http://www.tumblr.com>>.

⁴ A questão do paradigma indiciário está presente no item Análise de Discurso deste trabalho.

⁵ O termo **painel de bordo** ou *dashboard* é utilizado para indicar um “painel de indicadores”, como o *feed de notícias* do Facebook.

⁶ O reblogar é semelhante ao “compartilhar” do *Facebook*.

constituiu como uma importante ferramenta de acesso aos discursos referentes à autolesão feminina.

Quanto à nossa escolha teórica, optamos por realizar um estudo sobre a autolesão feminina utilizando-nos da Psicanálise, visto que articulada com a Análise de Discurso Francesa poderia nos permitir a compreensão dos discursos que perpassavam os blogs em uma articulação entre inconsciente e ideologia. Isto posto, inicialmente discutiremos a autolesão em relação à Psicanálise, para depois discutirmos o paradigma tomado como referência teórico-metodológica neste trabalho, o indiciário. Desse modo, apresentaremos alguns pressupostos da Psicanálise Lacaniana na sua relação com a Análise de Discurso Francesa (doravante AD), seguindo, então, para a análise do *corpus*.

A autolesão e a psicanálise

Podemos pensar a autolesão a partir da Psicanálise em dois sentidos: primeiramente pela compreensão da autolesão como sintoma, mas também, pensando a autolesão como algo que é descrito por Lacan (1962-1963) como *acting out*. Ao levantar esta hipótese não descartamos outras possibilidades, uma vez que não estamos trabalhando com sujeitos empíricos, mas sim com discursos.

Tomemos primeiramente a autolesão como um sintoma. Este é o nosso primeiro passo ao articular a autolesão feminina com a Psicanálise. Freud (1926), ao abordar o sintoma, pressupõe que quando o aparelho psíquico se depara com uma pulsão que é inaceitável à moral do *eu*, esta pulsão é desviada através do recalque. O recalque, no entanto, fracassa, e a libido, a parte energética da pulsão, encontra vias de saída do inconsciente. Assim, para chegar à consciência, esta pulsão é deformada e metaforizada, surgindo, então, como um sintoma, este responsável por um desprazer tolerável ao *eu*. Dessa forma, ao invés da pulsão obter uma satisfação no imediato, se satisfaz no sintoma.

O sintoma, assim como o sonho, é uma formação do inconsciente, que expressa metaforicamente o desejo para o sujeito. Sendo assim, podemos pensar o sintoma não só como uma resposta a um sofrimento, mas também como uma pergunta, uma vez que o sintoma incita um desvelamento por se impor ao *eu*, além do *eu*, interpelando-o. Produzido além de qualquer saber consciente.

Índice da articulação com a lei, o sintoma é uma manifestação subjetiva do desejo na fobia, na neurose obsessiva e na histeria, se configurando como advertido,

impossível ou insatisfeito (QUINET, 2008). Uma vez que o sintoma pertence ao neurótico este é: ou uma satisfação de algum desejo sexual ou medidas para impedir tal satisfação, podendo conciliar essas duas forças. Conciliando “a libido insatisfeita, que representa o recalado, e a força repressora, que compartilhou de sua origem, esse acordo entre as partes em luta é que torna o sintoma tão resistente” (DIAS, 2006, p. 400).

Elaborado a partir das neuroses, independentemente do aspecto formal, “a estrutura do sintoma é um amálgama de forças opostas, libido e agressividade, bem como a resolução de um conflito entre o eu e a pulsão, senão entre o eu e o supereu” (POLLO, 2013, p. 32). Desta forma, para o neurótico, o sintoma é a maneira de obter satisfação pulsional parcial. Neste entremeio, está o gozo, obtido através do sintoma.

De acordo com as formulações de Lacan, no inconsciente existe a pulsão enquanto conceito-limite entre o simbólico e o real, o *simbólico* que carrega os significantes que representam a pulsão, e o *real* enquanto libido, “cuja manifestação nos sintomas se dá pela angústia, e se faz presente como gozo do sintoma” (QUINET, 2008, p. 47).

Assim, o sintoma se define como o significante de um significado recalado da consciência do sujeito (LACAN, 1953/1998, p. 282). Ao tomarmos o significante, nunca se deve pensá-lo sozinho, uma vez que “um significante só é significante para outros significantes” (NASIO, 1993, p. 18), e, incluindo o sujeito, um “sujeito é aquilo que pode ser representado por um significante para outro significante” (LACAN, 2008, p.21). Ou seja, a lógica desse conceito parte de dois axiomas: que o significante sozinho não significa nada, e que o significante representa o sujeito para outro significante.

Pensando nessa noção de sujeito da Psicanálise, ela pode ser definida a partir da afirmação de Quinet (2008): “O sujeito não é o eu [...] não é a imagem corporal, nem tampouco o somatório das insígnias com as quais me paramento para as cerimônias de convívio com o grande Outro [...] não é a mente suscetível de estar doente ou saudável [...] o sujeito é desejo” (pp. 15-16). Como o sujeito é sempre representado no inconsciente por um significante, cabe ressaltar que o significante é *um* entre outros significantes com os quais se articula. Nasio (1993) aponta que todos os acontecimentos que ocupam o lugar do *um* se repetem. Desse modo, considerar o sintoma como significante indica que ele é *um*, e que esse *um* pertence a uma cadeia de significantes que se repetem, ocorrendo na hora exata de nos interrogar.

A partir dos postulados freudianos (1900/2012), Lacan utiliza a máxima de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem (LACAN, 1985, 27). Deste momento em diante pode-se afirmar que o sujeito está inserido numa lógica significante, de forma que inicialmente o sujeito recebe do campo do Outro uma marca $S1^7$, que, a partir de uma amarração com S^2 , articula uma possibilidade discursiva, um campo significante dentro deste vasto campo do Outro (OLIVEIRA, 1996). Podemos pensar, então, que ao adentrar no campo da linguagem o humano sai da ordem da natureza, passa a não ser apenas corpo vivo, uma vez que, tudo em sua vida virá a ser mediado pela lógica do significante. Ser marcado pelo $S1$ significa sair de um campo instintivo e adentrar em um campo pulsional, “momento da produção do sujeito como dividido”, “produção que implica a perda e a repetição” (SOLER, 2010, p. 263).

Sendo impelido pela pulsão, o inconsciente passa a se utilizar da repetição, fazendo com que se volte e retorne sempre a *um* mesmo. Nesse sentido, a autolesão configura-se como algo que se repete, não sendo suficiente apenas um corte, mas vários cortes que se organizam como elementos significantes, em cadeia.

Lacan aponta que o que se passa na repetição é a “revelação do real sem nenhuma mediação possível, do objeto de angústia por excelência” (LACAN 1954-1955 [1992], p. 209). Partindo dessa noção, Dias (2006) aponta que a repetição revela um obstáculo fundamental que obriga o sujeito a repetir a evidência dessa presença. O obstáculo já existia antes de ser encontrado, mas é devido à repetição que o sujeito o percebe.

Nesse sentido, vale a pontuação de Quinet (2008) que ressalta que “o inconsciente está amarrado à repetição, articulado numa pulsão de morte que faz com que se retorne sempre a um mesmo lugar” (p.25), este retorno ao lugar que faz sofrer, traz ao sujeito “uma satisfação paradoxal para além do princípio do prazer” (p. 25), uma vez em que na pulsão existe um real de gozo impossível de ser simbolizado. A pulsão de morte é, então, para Lacan, uma pulsão que insiste na repetição da cadeia significante inconsciente (VALAS, 2001).

Assim, chegamos a um caminho possível para a compreensão da autolesão como sintoma, sintoma que se repete e que, como postulou Freud (1926), provoca um

⁷ S - símbolo que indica o sujeito da Psicanálise, ver em: LACAN, J. (1985, 2ª Ed.). *O seminário: livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1973). Já a marca $S1$ é a que possibilita a entrada do sujeito na linguagem, sendo este o significante do mestre para a Psicanálise. Sobre isso ver em: SOLER (2010). *Estatuto do significante mestre no campo lacaniano*. Conferência no Séminaire du Champ Lacanien.

desprazer tolerável ao *eu*. Este desprazer seria tolerável uma vez que o sujeito acaba ganhando *algo* com o sintoma. Sendo assim, por mais que os sintomas sejam manifestações penosas para o *eu*, atos aparentemente inúteis que são realizados com profunda aversão, para o inconsciente, em contrapartida, significam desfrutar de uma satisfação (NASIO, 1993). Desta forma, podemos pensar a autolesão enquanto sintoma que produz tanto dor quanto alívio: ao realizar o sintoma, o *eu* sofre, mas há um alívio a partir do gozo para o sujeito.

O trabalho do inconsciente implica o gozo (NASIO, 1993), sendo o gozo a libido, a energia que se desprende quando o inconsciente trabalha. O gozo é um conceito que expressa a experiência de vivenciar uma tensão intolerável, uma situação de ruptura (NASIO, 1993, p.40) um estado em que o corpo é posto à prova, isto é, uma paradoxal espécie de prazer na dor, uma tensão excessiva que leva o corpo ao paradoxismo do esgotamento (SANTAELLA, 2004). Nesse sentido, a autolesão seria uma ruptura literal, um ato de romper, cortar feixes de pele, gozo na forma de um “excesso em relação ao prazer, confinando com a dor” (VALAS, 2001, p. 7).

Uma vez esboçada nossa hipótese de compreender a autolesão enquanto um sintoma que gera um desprazer ao *eu*, mas que possibilita o gozo, pensamos que a autolesão pode ser entendida também, a partir do referencial psicanalítico, como uma forma de *acting out*. Quanto a esta possibilidade de articulação apontamos que a autolesão, enquanto escarificação, já foi pensada por este viés em outro estudo brasileiro (JATOBÁ, 2010).

Lacan (1962-1963) pontua que o *acting out* é uma demonstração do desejo desconhecido. Se o sintoma basta a si mesmo, sendo um gozo encoberto, o *acting out* se constitui como uma demanda ao Outro. Esta é a maior diferença entre os dois, o sintoma não é um apelo ao Outro, ou aquilo que se mostra ao Outro, enquanto que o *acting out* é algo que pede uma interpretação e ganha seu valor nesse apelo (LACAN, 2005 [1962-1963]). O *acting out* é “antes, visível ao máximo, e é justamente por isso que, num certo registro, é invisível, mostrando sua causa” (LACAN, 2005 [1962-1963], p. 138-139). Ou seja, ao mesmo tempo em que é algo que se mostra de modo evidente, é velado, pois indica outra coisa para além do que está sendo atuado.

Desta forma, podemos pensar a autolesão enquanto *acting out* de forma que o sujeito endereça sua mensagem ao Outro. Da mesma forma como no sintoma, o *acting out* é uma manifestação do inconsciente e tem valor de verdade, mas com uma estrutura

de ficção, sendo dois modos de satisfação (parcial) da pulsão no retorno do recalado (QUINET, 2008, p. 49).

O *acting out* se configura, então, como um subir à cena, contém uma demanda endereçada ao Outro, uma transferência selvagem. Lacan ressalta que: “Não é preciso análise, como vocês desconfiam, para que haja transferência. Mas a transferência sem análise é o *acting out*” (LACAN, 2005 [1962-1963], p. 140). Assim, podemos pensar tanto os atos, quanto o sintoma como formas de resposta à angústia e de solucionar a crueza de deparar-se com o objeto sem um véu ou sem a sustentação de um discurso (CALAZANS, BASTOS, 2010).

Se para Lacan (1962-1963) o *acting out* é uma transferência selvagem para com o analista que ocupa o lugar de Outro, no *acting out* fora da análise este é um dizer endereçado ao grande Outro, demandando-o, chamando a sua atenção, enquanto que, paradoxalmente, pode ser uma tentativa de separar-se do desejo do Outro. Isto porque a angústia, segundo Lacan (1962-1963), é a falta da falta. Assim, a autolesão aparece como uma resposta em ato a uma questão que no momento está além do limite do discurso, podemos pensá-la, assim, como uma forma de dizer, em vias da evitação da angústia.

Análise de discurso

A partir de nossas hipóteses levantadas com a Psicanálise, decidimos trabalhar com a análise do discurso (AD), uma vez que ela define como objeto o discurso, considerando a exterioridade e ainda dialoga com a Psicanálise no estudo da linguagem. Desse modo, não trabalha com a língua fechada nela mesma, mas com o discurso visto como um objeto sócio histórico e ideológico (ORLANDI, 2007; PECHEUX, 1995).

Da perspectiva da Análise de Discurso, ao se delimitar um *corpus* de análise, não se procura extrair um sentido do texto, ao contrário, deve-se considerar que a linguagem não é transparente. Assim, parte-se de um princípio amplo em que o sujeito de linguagem é afetado pelo real da língua e pelo real da história e, por não ter controle sobre o modo como essas questões o afetam, podemos dizer que este sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. A partir disso, visando fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, e como esses sentidos estão investidos de significância para e por sujeitos, a AD não procura o sentido “verdadeiro” do objeto simbólico, mas os sentidos possíveis a partir de sua materialidade. Neste manejo, busca-se perceber a memória discursiva, chamada na AD de interdiscurso, conceito este que

nos permite remeter os dizeres a toda uma filiação de dizeres e a identificá-los em sua historicidade e significância, mostrando seus compromissos ideológicos (ORLANDI, 2007).

Nesta articulação entre a AD e a Psicanálise, unimos o real da língua e o real da história. Lacan (1985, p.27), ao postular que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, promove a relação da Psicanálise com a linguística, ou seja, o discurso a ser interpretado pela Psicanálise é composto pelos significantes que escapam da cadeia inconsciente. Com a AD, algo muito parecido ocorre, a ideologia intercepta o sujeito em seu dizer. Enquanto a Psicanálise trabalha com o que tropeça no dizer, revelando o inconsciente, a AD trabalha com o que faz produzir o dizer, revelando a ideologia. Ideologia compreendida não enquanto inversão da realidade, mas como modo de interpelação do indivíduo em sujeito, elemento que permite a entrada na linguagem e uma forma de ver o mundo (ALTHUSSER, 1985). Assim, as teorias podem-se misturar-se diante de um discurso que é marcado pelos deslizes do sujeito do inconsciente e do sujeito da ideologia, “deslizes” esses que são inerentes à nossa própria constituição enquanto sujeitos de linguagem.

Dessa perspectiva que adotamos, portanto, nos alinhamos ao que pode ser chamado de Paradigma Indiciário. Segundo Laureano (2008), a análise indiciária aparece como contraponto ao paradigma positivista, ou seja, adota uma postura científica que ainda está se construindo. São assim chamadas, disciplinas indiciárias (GINZBURG, 1989), tendo em vista que a AD e a Psicanálise buscam por índices não diretamente observáveis, ou seja, investigam o que está à margem, destaca-se a singularidade, as pistas, os elementos linguísticos relacionados aos contextos em que os discursos foram produzidos e suas condições de produção (TFOUNI, 1992).

Uma vez que o objeto analisado neste trabalho é o discurso sobre a autolesão feminina e a constituição do *corpus* se deu a partir de textos que circulam na Plataforma *Tumblr*, faz-se necessário mencionar que já temos um primeiro gesto de análise. É importante ressaltar também que o objeto da pesquisa é maior que o *corpus* selecionado, uma vez que partimos de uma perspectiva discursiva que articula os indícios linguísticos com o processo discursivo. Dito isso, após o acesso a um grande número de blogs, em torno de 50, chegamos a um número de 4 imagens que constituíram o *corpus* de análise, pensando que a construção do *corpus* e a análise em si estão intimamente ligadas, uma vez que decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas (ORLANDI, 2007). A decisão pelas imagens se deu a partir

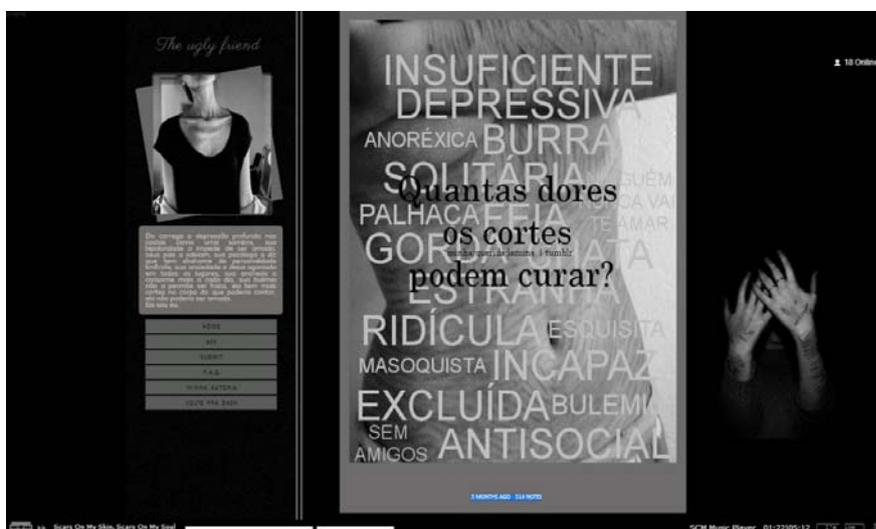
dos objetivos da análise em consonância com o método da AD, não visando a demonstração, mas a compreensão de como um discurso produz sentidos. Foram priorizados *blogs* ativos à época da coleta que fizessem referência explícita à prática e ao culto da autolesão feminina, as imagens selecionadas são de *blogs* diferentes, sendo que 3 são brasileiros e o último é de um *blog* estadunidense. O contraste de nacionalidade se fez relevante para nós uma vez que gostaríamos de saber o que havia nesta forma de dizer o sofrimento mesmo em diferentes países, com sistemas culturais e econômicos diferenciados. Os critérios de busca dos *blogs* envolveram as palavras-chaves: “automutilação”, “*self harm*”, “*self injury*”, “autolesão” e “cortes”.

Primeiros efeitos de sentido...

Texto 1

No centro da imagem pode-se visualizar a foto de parte do corpo de uma mulher; na imagem apenas a barriga e os braços estão à mostra, enquanto a maior parte do corpo está lesionada, com cortes muito próximos. O fundo atrás da foto é branco, a moldura cinza. Na frente da imagem está escrito em caixa baixa e na cor preta: “Quantas dores os cortes podem curar?”. Logo atrás desta sequência discursiva vê-se escrito em letras cinza em caixa alta: “INSUFICIENTE, DEPRESSIVA, ANORÉXICA, BURRA, SOLITÁRIA, NINGUÉM NUNCA VAI TE AMAR, PALHAÇA, FEIA, GORDA, CHATA, ESTRANHA, RIDÍCULA, ESQUISITA, MASOQUISTA, INCAPAZ, EXCLUÍDA, BULEMICA, SEM AMIGOS, ANTISSOCIAL”. A imagem contava com 314 notas no momento do *print screen* (recurso que utilizamos para captar as imagens dos *blogs*).

Segundo o *corpus*, foi possível reunir as seguintes associações: Quantas dores os cortes podem curar? A polissemia aberta pelo uso da palavra “dores”, no plural, pode ser nomeada pelos outros significantes



que vêm na sequência. Assim, teríamos a seguinte cadeia parafrástica: A dor de ser solitária/ A dor de ser antissocial/ A dor de ser sem amigos/ A dor de ninguém nunca te amar/ A dor de ser excluída; A dor de ser gorda/ A dor de ser anoréxica/ A dor de ser bulímica/ A dor de ser feia/ A dor de ser palhaça/ A dor de ser depressiva.

Ainda, no texto, ao centro pode-se ler: “Quantas dores os cortes podem curar?”, escrito em preto, em letra minúscula, menos visíveis do que as letras em cinza e em caixa alta logo atrás. Na imagem, percebemos os discursos em cinza muito maiores do que a frase central relativa à cura, ou seja, o sujeito diz que os cortes curam as dores descritas, mas diz deixando estas dores escritas em letra maiúscula, de forma a chamar mais atenção, ou seja, de forma a se sobressair no texto, ao invés de terem sido encobertas com a solução do “corte”. O inconsciente e a ideologia interpelam o sujeito quando este diz, o contrariando. A frase “dores que os cortes podem curar” poderia estar em caixa alta, em letras maiores, enquanto o texto logo atrás poderia estar em caixa baixa, de modo mais ofuscado no texto. Apesar da intencionalidade de dizer que os cortes curam, algo interpela o sujeito na produção desse discurso. Como aponta Orlandi (2007), alguma coisa mais forte – que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelos outros dizeres, outras vozes, vai se historicizando aqui e ali, marcadas pela ideologia trazem em sua materialidade efeitos que atingem o dizer apesar das vontades do sujeito.

No *print screen* pode-se destacar o perfil do blog, o perfil é um espaço destinado a apresentar a pessoa que lhe escreve, de modo que o visitante possa melhor conhecê-lo: “Ela carrega a depressão profunda nas costas como uma sombra, sua bipolaridade a impede de ser amada, seus pais a odeiam, sua psicóloga a diz que tem síndrome de personalidade limítrofe, sua ansiedade a deixa agoniada em todos os lugares, sua anorexia a consome mais a cada dia, sua bulimia não a permite ser fraca, ela tem mais cortes no corpo do que poderia contar, ela não poderia ser amada. Ela sou eu”.

No texto, podemos destacar as doenças e sintomas que foram escritas pela autora como descritivas do “quem sou eu”: *Depressão profunda/ sombra/ bipolaridade / síndrome de personalidade limítrofe/ ansiedade/ agonia/ anorexia / bulimia / cortes / Ela sou eu*. Ela sou eu/ Eu sou doença. A dona do blog se descreve como doença, a mesma doença que não poderia ser amada e a doença que a impede de ser amada. Nesta cadeia é possível realizar as associações: *a odeiam/ ela não poderia ser amada. Ela sou eu*. Um efeito de sentido é possibilitado pelo discurso: A doença é algo ruim, desse

modo não é amada, logo, se a pessoa se inscreve como doença, assim, não pode ser amada.

Como é possível observar, há uma repetição constante do pronome “ela”, elemento recorrente também em outros blogs que foram analisados, em que as autoras se utilizam muito do uso da terceira pessoa. Assim, ao invés de dizer “eu sou”, as autoras pontuam “ela é”. Como no trecho: “Ela carrega a depressão profunda nas costas como uma sombra”. Essa inscrição da terceira pessoa aponta para a fusão do “eu” e do “outro”, materializando linguisticamente a própria constituição do sujeito, tal como é vista pela Psicanálise, em que o sujeito é dividido, de forma a mostrar, exacerbadamente, que o “eu” não é dono de sua própria morada. Isto, conforme Lacan (1962-1963) porque só há sujeito a partir da introdução primária de um significante. No começo existe o A, enquanto o Outro originário como lugar do significante, e S, como sujeito ainda inexistente, logo, ao ser marcado pelo significante no campo do Outro, o sujeito é dividido. Nesta divisão além de sobrar um resíduo: o objeto pequeno *a*, o Outro barrado acompanhará o sujeito, o constituindo enquanto parte inconsciente (LACAN, 1962-1963 [2005]). Assim, a utilização do pronome “ela” indica a interpelação do Outro ao sujeito.

Texto 2

Na imagem central, que constitui o texto 2 do *corpus*, há uma foto de uma pessoa sentada. Uma das mãos da pessoa segura a perna que possui cortes, estes sangram. Na foto se vê apenas as pernas, as mãos, os pés da cadeira, e um pedaço da blusa branca. O texto que segue a imagem é o seguinte:



“Cortes, lâminas, giletes, tesouras, choros, angústias, depressão e mais cortes, sim infelizmente isso é comum na minha vida. Ainda me lembro do meu primeiro corte, na verdade eu ainda tenho a marca dele. Quando comecei pensei que teria controle sobre mim e quando eu quisesse iria conseguir parar, mas não, não consigo parar. As poucas pessoas que sabem dos meus cortes pedem para que eu pare, elas não sabem, mas eu tento parar todo dia, eu tento parar toda hora, mas eu não consigo. Elas dizem que eu sou fraca, mas eu não acredito nelas, pq só eu sei tudo que eu aguento sorrindo, e distribuindo “tudo bem” por ai, mesmo não estando nada bem, mesmo sentindo uma dor tão grande que eu não consigo descrever. Elas não

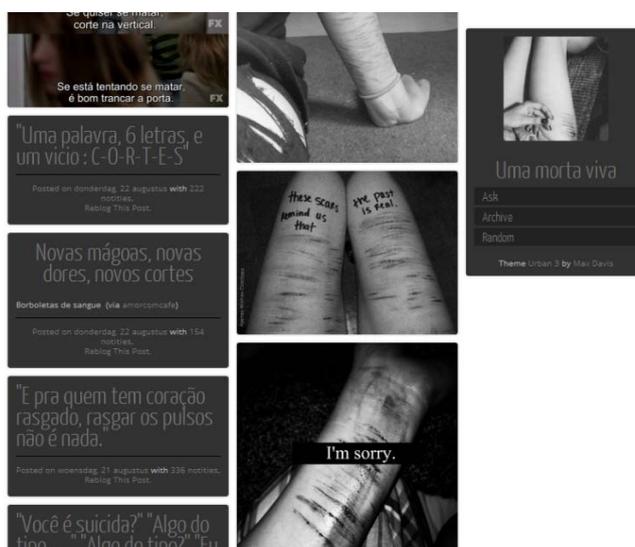
(RE) Corters: o discurso sobre a autolesão feminina no tumblr

percebem que a única coisa que eu preciso é de amor e apoio, tudo que eu queria era que alguém me abraçasse e promettesse que iria ficar tudo bem, que nunca NUNCA iria me abandonar e apenas cumprisse o que me prometeu, mas quem iria querer amar alguém tão problemática? :/”.

Quanto ao restante do *print screen*, visualiza-se um blog de fundo inteiro preto. Uma foto animada do tipo *gif*⁸ foi colocada ao lado esquerdo, na imagem uma mulher corta seu pescoço com uma lâmina, seu rosto está oculto. Abaixo da imagem pode-se ler: “kik:cortesquesalvam”.

Texto 3

Este *layout* conta com uma estrutura um pouco diferente. O título do blog se intitula como: *Uma morta viva*. Oito *posts* aparecem neste *print screen*. No primeiro deles, o esquerdo de cima para baixo há uma imagem que se difere das outras pelo conteúdo escrito e também pela cor, afinal é a única colorida. Os enunciados são os seguintes: “Se quiser se matar corte na vertical. Se está tentando se matar é melhor trancar a porta”. Desta forma, mesmo que os discursos dos blogs possam trazer no imaginário social condutas suicidas, pela AD podemos perceber que estes trazem um apelo a continuar vivendo através da autolesão, e pela psicanálise, de que a autolesão propicia algo para o sujeito. Como já apontaram outros trabalhos, a autolesão nem sempre tem intensão de suicídio (BARROCAS et al., 2013; HAWTON & JAMES, 2005; MUEHLENKAMP et al., 2011; NOCK & MENDES, 2008; WHITLOCK, ECKENRODE, SILVERMAN, 2006), mesmo que ela acarrete sérios danos ao corpo. A frase “*se quiser se matar corte na vertical*”, traz no imaginário o fato de que cortando os pulsos na vertical há mais chance de perfurar as artérias ulnar ou radial, causando maior sangramento e, logo, a morte. Observando as fotos *print screen*, vemos que os cortes estão posicionados na horizontal, e são escolhidos locais em que é mais difícil encontrar veias, como nas coxas, indo contra a máxima suicida “*corte na vertical*”. Um

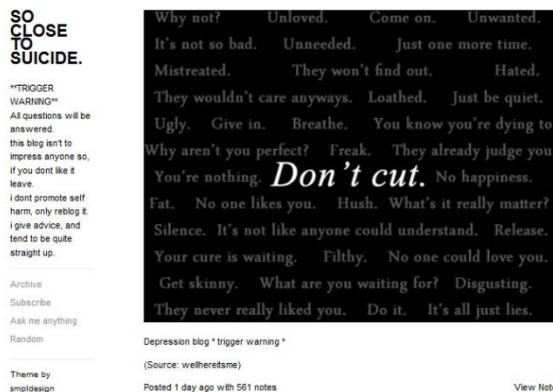


⁸ GIF (*Graphics Interchange Format*) é um formato de imagem de mapa de bits muito usado na internet, quer para imagens fixas, quer para animações.

dos efeitos de sentido possíveis é, portanto, “não quero morrer”. Assim, apesar dos cortes carregarem na memória discursiva o suicídio, aqui eles se mostram como uma forma de continuar vivendo.

Texto 4

Este texto mostra um blog branco. A imagem central trata-se de um *gif* animado no qual a imagem aparece em duas etapas. Na primeira delas, pode-se visualizar apenas um grande quadrado preto com a frase: “*Don’t cut*”. Após um segundo, a imagem aparece da maneira como está colocada no *print screen*, o quadrado que antes era todo preto é tomado por inúmeras frases escritas em cinza, em fonte de número menor. Para facilitar o entendimento, a tradução das frases:



"Porque não?; Sem amor; Vamos lá; Indesejada; Não é tão ruim; Desnecessária; Só mais uma vez; Maltratada; Eles não vão descobrir; Odiada; De qualquer maneira eles não se importariam; Detestada; Apenas fique quieta; Feia; Desista; Respire; Você sabe que está morrendo de vontade; Por que você não é perfeita?; Anormal; Eles já te julgam; Você não é nada; Sem felicidade; Gorda; Ninguém gosta de você; Quieta; O que realmente importa?; Silêncio; Não é como se alguém pudesse entender; Libere-se; Sua cura está esperando; Imunda; Ninguém poderia te amar; Emagreça; O que você está esperando?; Nojenta; Eles nunca gostaram realmente de você; Faça isso; Tudo é apenas uma mentira”

Ao centro se lê: *Não corte*. No momento do *print screen* o post contava com 561 notas.

A partir do texto, percebemos a contradição de elementos discursivos que cerceiam o sujeito. Se por um lado, a autora diz: “*Não corte*”, por outro existem os outros discursos que incentivam o ato. Ao retirar os adjetivos do texto, é possível encontrar um diálogo na imagem, como se fosse a fala de um outro sujeito que se dirige à autora: “Porque não/ Vamos lá/ Não é tão ruim/ Só mais uma vez/ Eles não vão descobrir/ De qualquer maneira eles não se importariam/ Apenas fique quieta/ Desista/Você sabe que está morrendo de vontade/ Eles já te julgam/ Você não é nada/

Ninguém gosta de você/ O que realmente importa?/ Não é como se alguém pudesse entender/ Sua cura está esperando/ Ninguém poderia te amar/ O que você está esperando?/ Eles nunca gostaram realmente de você/ Faça isso/ Tudo é apenas uma mentira”.

A autolesão demanda o que?

A partir de nosso percurso de seleção de *corpus* e análise, salientamos que cada texto recortado daria margem a uma análise em separado, uma vez que, a partir de cada um deles, outros possíveis sentidos poderiam ser abordados. No entanto, optamos por selecionar neste tópico questões que perpassaram todos os textos do *corpus*, ou seja, elementos que indiciam uma regularidade e, portanto, materializaram o processo discursivo em torno da questão da pesquisa.

Corte versus Cura

Uma contradição se apresenta nesta relação de corte versus cura. Enquanto o sujeito diz: Os cortes podem curar, o sujeito também diz: Os cortes vão marcar. Quando recuperamos em nossa memória discursiva a palavra “corte”, percebemos que ela não remete à cura, mas a outros elementos como dor, fragmentação, separação, abertura, fenda, entre outros significantes. A associação trazida vai contra o processo interdiscursivo, uma vez que reúne elementos inicialmente contraditórios na “ordem do discurso” e próprios de um processo subjetivo, perpassado pelo inconsciente.

Pensamos que, de alguma maneira, esses discursos apontam para um discurso vindo de um grande Outro social, discurso este que está literalmente colocado no *Texto 1*. É o discurso de um padrão de beleza, discurso que perpassa diariamente a vida de uma mulher e reafirma como ela deve parecer, quão inteligente ela deve ser, como deve se comportar. São tantos atributos que no *Texto 1* aparecem muitas contradições da maneira pela qual a pessoa do blog se vê/é vista, numa relação dialética entre o que é do sujeito e do Outro. Quando falamos em grande Outro estamos nomeando algo que concerne à linguagem, o que dá ao sujeito palavras para desejar. “Ele não se situa nem fora nem dentro do sujeito, mas faz parte da ordem do simbólico que é da mesma ordem da cultura” (QUINET, 2008, p. 45). Podemos entender o Outro como a presença interiorizada de todos aqueles que foram, são ou serão os eleitos do sujeito, assim como, a influência social, econômica e cultural do mundo em que vivemos (NASIO, 2009).

Ao apontarmos para os padrões de beleza, convém dizer que a imagem que temos de nosso corpo é sempre falsa, à medida que este corpo é investido afetivamente, de modo que é afetado pela influência de sentimentos conscientes e inconscientes, assim como emoções infantis e, é claro, influenciado pelo Outro (NASIO, 2009).

A partir da Psicanálise lacaniana, Nasio (2009) faz as seguintes proposições sobre o corpo a partir da lógica que sustenta as dimensões do sujeito para Lacan: o corpo que é *sentido* está na ordem do real, o corpo que é *olhado* está na ordem do imaginário, e o corpo que é *nomeado* está na ordem do simbólico.

Real, simbólico e imaginário são os três registros apresentados por Lacan como essenciais para a compreensão do sujeito em Psicanálise: O real enquanto a instância que está fora do simbólico, campo da sensação, do desejo e do gozo (NASIO, 2009), impossível de apreender ou de simbolizar, escapa aos outros registros; O simbólico enquanto campo do significante e da linguagem, a partir do qual nos constituímos enquanto sujeitos (LACAN, 1962-1963); E o imaginário enquanto o que contorna o corpo, borda envolta pela pulsão é a instância que permite apreender a si e ao outro enquanto imagem humana.

Assim, o corpo simbólico “não é a imagem mental de uma sensação nem a imagem visível de uma silhueta, mas o *nome* que designa a parte significante do corpo” (NASIO, 2009, p. 98). Ser nomeado pelo Outro através de significantes, como colocado no *Texto I*: “*feia, gorda, estranha, ridícula*”, modifica profundamente a vida do sujeito, mais do que o corpo imaginário ou o corpo real, é no campo da linguagem, da nomeação realizada, que sofremos. Não só habitamos a linguagem, mas somos habitados por ela, o que tem um preço. Assim, prevalecendo sobre o narcisismo, esse eu idealizado é introduzido como o conjunto de traços simbólicos, da sociedade e das leis, funcionando como um princípio regulador (SANTAELLA, 2004).

Pela via do simbólico, do significante, esses nomes são marcas que nos discursos aparecem como algo que produz sofrimento. Ademais, os discursos dos *blogs* apresentam a possibilidade de “cura” através do corte, corte que também marca o corpo, dessa vez no corpo real da sensação e do gozo. Assim, ao mesmo tempo em que a autolesão propicia o gozo, atuando no corpo real, dá-se uma modificação também no corpo imaginário, que se distancia ainda mais dos padrões de beleza. Podemos pensar também que este “corte” que marca, atua na evitação da angústia, a fim de preservar uma *demarcação* entre o sujeito e o Outro, uma vez que a demanda surge inevitavelmente no lugar do objeto causa do desejo *a* (LACAN, 1962-1963).

Assim, o sujeito chega a uma espécie de *looping* de repetição constante, uma vez que a “cura” escolhida tende a afastar ainda mais o sujeito de um corpo idealizado, e, como observado no texto 4 do *corpus*, o recorte: “*Só mais uma vez*” demonstra essa relação com a repetição, que vem alicerçada em elementos voltados ao outro, como: “*Eles já te julgam*”.

Cabe-nos dizer, então, que o que socorre diante do sofrimento destes sujeitos é a autolesão. A partir dos textos, percebemos que os cortes se constituem como um último recurso, mórbido, mas funcional, de lidar com as emoções e evitar a angústia. Angústia, como colocada por Lacan (1962/1963 [2005]) enquanto um afeto que possui relação essencial com o desejo do Outro e que é sinal de uma falta que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dado pela falta. O lado funcional pode ser atestado a partir das notas dos quatro textos escolhidos para o *corpus*, que, se somadas, mostram que 1.344 pessoas “gostaram” do que viram e do que leram. No decorrer da seleção do *corpus* para a pesquisa encontramos *posts* que contavam com mais de 16.000 notas, o que nos lança a pergunta: O *Tumblr* se constitui como um dispositivo que ensina como lidar com o sofrimento, ou todas essas pessoas encontraram na plataforma um espaço para afirmar essa forma de suportar e/ou evitar a dor? Ponto importante na relação *corte* e *cura*, é o fato de que o que “salva” o sujeito vai de encontro a significantes que envolvem sangue, machucados e pele entalhada, ao contrário do interdiscurso sobre cura, que traz no imaginário palavras como cuidado, atenção, etc.

De acordo com Santaella (2004), os sintomas variam em função das características da época, isto é, variam por ser uma consequência do tipo de recalque próprio a cada cultura, e também tanto quanto forem as possibilidades de gozo. Desta forma, acreditamos que a autolesão se constitui como uma forma pela qual as pessoas dão conta de uma angústia intolerável, produzida pelo próprio padrão de beleza e as questões que envolvem o corpo, sobretudo feminino, na contemporaneidade.

Autolesão como “quem” não abandona

Um outro aspecto que se reiterou na análise é a dimensão de demanda que se produziu a partir dos discursos postados. Os discursos, sempre permeados pela dor, trazem consigo significantes que se repetem. No Texto 1: “*NINGUÉM NUNCA VAI TE AMAR*”. Texto 2: “Elas não percebem que a única coisa que eu preciso é de amor e apoio, tudo que eu queria era que alguém me abraçasse e promettesse que iria ficar tudo bem, que nunca NUNCA iria me abandonar [...] mas quem iria querer amar alguém tão

problemática?”. Texto 3: “E para quem tem o coração rasgado, rasgar os pulsos não é nada”. Texto 4: “De qualquer maneira eles não se importariam [...] Ninguém gosta de você [...]Ninguém poderia te amar [...]Eles nunca gostaram realmente de você”.

Se estamos vivos, é porque recebemos algum afeto. Se não fomos amados, ao menos algum tipo de investimento nos foi despendido. As palavras “nunca” e “ninguém” que aparecem nos textos, podem então ser compreendidas no sentido de perda. A frase “nunca NUNCA iria me abandonar” com a repetição do nunca em letra maiúscula afirma uma demanda, originada em uma promessa de amor que aparece denotada no verbo “iria”, colocado no futuro do pretérito. Em outros trechos também se observa uma demanda: “quem iria querer amar”, “ninguém gosta”, “ninguém poderia” e, por fim, “nunca gostaram realmente”. Esses fragmentos ilustram uma demanda de ser salva, de interpretação, do que fazer, que se refere à demanda intransitiva, que no fundo é uma demanda de amor (QUINET, 2008, p. 96). Desse modo, se esse outro requerido abandona e não ama, existe a autolesão que se faz sempre presente, que de fato não abandona.

Assim, apesar de trazer dor e marcar a pele do sujeito, a autolesão é algo que não o abandona e que se apresenta como uma saída para a angústia. O sujeito não diz o que a autolesão representa, mas o nome do blog e a frase abaixo do perfil indicam algo nesse sentido: “*kik:cortesquesalvam*”.

Desta forma, é possível perceber a descrição das autoras como doença e o ocultamento de quem são pela autolesão (fato perceptível no texto 1, em que a autora se descreve como doença no perfil). Percebe-se nos *blogs* que os cortes é que devem aparecer na foto, são o motivo da foto, são o nome do blog, são o universo no qual a pessoa está inserida, de uma forma que não se pode controlar ou parar. A partir de novas formas de gozo, dadas por uma sociedade que impõe novas exigências para a subjetividade, num mundo que adquire a dimensão de infinitude (NETO; DUNKER, 2004), a autolesão como sintoma não escapa à antiga regra da pulsão que tende à repetição e que, neste ciclo, busca dar conta de uma angústia que consome o sujeito de desejo.

A autolesão: Novas mágoas, novas dores, novos cortes

“Novas mágoas, novas dores, novos cortes”, a partir deste enunciado, podemos perceber a associação feita pelo sujeito do discurso: com novas mágoas e novas dores, há novos cortes. Temos, então, uma associação colada e automatizada, de forma que

não há aí espaço entre significantes, o sujeito de desejo é consumido. Podemos dizer também que se não há espaço para a palavra e se não há resposta para a pergunta metaforizada no sintoma, atua-se, repete-se.

A questão da repetição se faz aqui essencial. Como responsável por essa repetição, a pulsão de morte propicia ao sujeito “uma satisfação paradoxal além do princípio do prazer” – parte do inconsciente, “está sempre repetindo os mesmos circuitos das cadeias associativas” (QUINET, 2008, p. 25).

Sem espaço para a palavra, o ato se faz presente pelo sintoma e pela atuação, promovendo no sujeito uma atenuação dessas “novas mágoas, novas dores”, ao mesmo tempo em que também lhe gera alguma dor, marcas e sofrimento. Como não estamos trabalhando com sujeitos empíricos, lançamos as possibilidades a partir dos discursos. Assim, considerando as duas hipóteses que trouxemos neste trabalho, podemos dizer que o *acting out* e sintoma carregam um valor de verdade, e ambos são modos de satisfação parcial da pulsão. Nesse sentido, Lacan (1962-1963 [2005], p. 139) lança a pergunta: “O que isso tem de original, esse *acting out*, e a demonstração desse desejo desconhecido? O sintoma é a mesma coisa”. Então, respondendo a própria questão: “o sintoma não pode ser interpretado diretamente” (LACAN, 1962-1963 [2005] p. 139), sendo necessária a introdução do Outro. Segundo Coelho dos Santos (2001) embora ambos, sintoma e *acting out*, possuam estrutura de ficção, no primeiro o sujeito está representado metaforicamente e no segundo, confunde-se com o objeto metonímico.

Freud (1914), em *Recordar, Repetir e Elaborar*, aponta que o ato, “*Agieren*”, ocorre em alguns pacientes no lugar do recordar, impulsionado pela resistência. A partir dos postulados freudianos o agir se daria em análise sem que o analisando soubesse que atuaria. Então como podemos pensar o *acting out* fora da análise, como “transferência selvagem” (LACAN, 1962-1963 [2005] p. 140) e, mais precisamente, na autolesão como *acting out*?

Pensamos que a autolesão se configura como atos realizados de forma consciente com uma dimensão inconsciente. O ato consciente ocorre uma vez que, em alguns casos, a pessoa precisa encontrar um objeto cortante e escolher um lugar do corpo para realizar o ato. No entanto, partindo do *corpus* de análise, as autoras dos blogs mostram a dimensão inconsciente por não conseguirem expressar o motivo para se autolesionar e o motivo para não conseguir parar. Conforme dito por Coelho dos Santos (2001) o *acting out* mostra o que não se diz porque é impossível de dizer.

Lins e Rudge (2012) apontam que o *acting out* tem como característica principal a compulsão à repetição, uma vez que o sujeito repete sempre incluindo o Outro na cena. Conforme o Texto 2:

“As poucas pessoas que sabem dos meus cortes pedem para que eu pare, elas não sabem, mas eu tento parar todo dia, eu tento parar toda hora, mas eu não consigo. Elas não percebem que a única coisa que eu preciso é de amor e apoio, tudo que eu queria era que alguém me abraçasse e promettesse que iria ficar tudo bem”.

No *acting out*, conforme Lins e Rudge (2012, p. 21), “o sujeito não sai de cena, pelo contrário, ele encena um material da ordem do recalcado, para que o Outro interprete”.

Assim, a autolesão parece estar ligada a uma demanda de amor, um ato de morbidez que demanda um Outro/outro que possa interpretar o desejo para o sujeito. A autolesão pode ocorrer como ato uma vez que outras formas de *acting out* podem já ter falhado. Ao diferenciar a passagem ao ato do *acting out*, Lacan (1962-1963) aponta para a dimensão simbólica do *acting out*. Conforme Jatobá (2010), na passagem ao ato a atuação não está diretamente relacionada à dimensão simbólica, enquanto que, no *acting out* existe essa relação, uma vez que no ato existe um apelo que visa transmitir uma mensagem.

Primordialmente, segundo Lacan (1962/1963) existem duas diferenças principais entre passagem ao ato e *acting out*: A primeira de que na passagem ao ato existe a identificação absoluta do sujeito com o objeto *a* ao qual ele se reduz, e a segunda de que há o confronto do desejo com a lei, de forma que para manter-se em seu status de sujeito a pessoa se precipita e despenca fora de cena. Ou seja, há aí uma diferença entre o *deixar-se cair* da passagem ao ato e o *subir ao palco*, que corresponde ao *acting out*. Para Lacan: “Tudo que é *acting out* é o oposto da passagem ao ato” (LACAN, 1962/1963, p. 136).

A dimensão simbólica presente na autolesão enquanto *acting out* aparece tanto nas teorizações sobre o tema, quanto em nossa análise, uma vez que a autolesão envolve cortes em partes específicas do corpo, indicando uma ação relativamente consciente, planejada, tanto que, para algumas pessoas, envolve a criação de um universo online para A lâmina e para O corte, personificados e dirigidos ao Outro. Assim, o *acting out* passa a ser visualizado no espaço virtual – fato que propiciou esta pesquisa. É possível imaginar, então, que se outras formas falharam, sejam as palavras ou outros atos, a

autolesão poderia tomar caminho: “*Para quem tem o coração rasgado, rasgar os pulsos não é nada*” trecho do Texto 3.

“Is tumblr messing with your mind?”⁹ O Tumblr possui influência para a autolesão?

Por fim, consideramos importante trazer uma reflexão acerca da plataforma em que os discursos que analisamos circulam. A plataforma *Tumblr* se constituiu e se constitui como um importante mecanismo de acesso ao que se escreve sobre a autolesão. O site se diferencia de outras redes sociais como o *Facebook* por permitir que o usuário não exponha o seu nome ou a sua imagem, assumindo características de um diário virtual.

Dessa forma, durante o período de dois anos da pesquisa percebemos que a plataforma foi se modificando quanto ao acesso das postagens que possuíam enfoque suicida, autodestrutivo ou referente a transtorno alimentar. No início da pesquisa, ao utilizarmos as palavras-chave: *automutilação*, *autolesão* e *cortes* na ferramenta “pesquisar” do *Tumblr*, não havia nenhum bloqueio do site quanto à visualização do conteúdo violento e os blogs apareciam imediatamente. Em um segundo momento, este acesso se modificou, de forma que surgia uma *pop-up* na tela, com a seguinte notificação:

“Se você ou alguém que você conhece está enfrentando problemas relacionados a transtornos alimentares, condutas autodestrutivas ou pensamentos suicidas, por favor, visite a nossa página de recursos de aconselhamento e prevenção para ter acesso a uma lista de serviços especializados que podem ajudar”.

Abaixo havia dois botões de link: “Descartar” e “Conte mais”. Ao clicar em “Descartar”, as imagens e blogs com conteúdo sobre a autolesão apareciam, e, ao escolher a opção “Conte mais”, adentrávamos em uma página totalmente em inglês chamada “*Counseling and Prevention Resources*” na página havia somente alguns telefones de emergência, e, quanto ao Brasil, havia: “*Brazil – CVV ou 141*”. Em um terceiro momento, as fotos não podiam mais ser visualizadas, e uma tela cheia aparecia com a seguinte mensagem:

⁹ Frase de artigo da revista *Seventeen Magazine*, publicada em Agosto de 2013.

“Tudo certo? Se você tem tendência para comportamentos de automutilação ou conhece alguém que se encontra nesta situação, a equipe da PRO-AMITI pode ajudar: basta telefonar para (11) 2661-7805 ou enviar um email para contato@amiti.com.br. Caso você esteja passando por algum outro tipo de problema, poderá conversar anonimamente com alguém da associação 7 Cups of Tea. Selecione seu país no menu de opções”.

Assim, no decorrer da pesquisa foi possível perceber um movimento da própria plataforma quanto ao conteúdo que ali estava sendo publicado. Ainda é possível ter acesso ao conteúdo, uma vez que os blogs sobre autolesão não foram excluídos, apenas sua pesquisa foi dificultada. Dessa forma, o *Tumblr* ainda possui muito a ser explorado e verificado, fator que não é possível de ser abarcado apenas nesta pesquisa.

Faz-se necessário perceber também se o *Tumblr* possui influência no início de comportamentos suicidas, autodestrutivos ou de transtornos alimentares. O que foi possível a nós compreender nesta pesquisa é que o *Tumblr* se constitui como um universo amplo em que podem existir blogs com conteúdo mórbido e violento, e que este conteúdo pode ser avaliado através de notas e amplamente difundido através do “reblogar”. Este recurso se compreendido enquanto significante, pode adentrar também na via da repetição, uma vez que se “reblogam” sempre fotos com referência à autolesão, mesmo que o conteúdo imagético seja diferente entre si.

Considerações finais

Receber uma marca significativa e adentrar no campo da linguagem é o passo para se constituir como sujeito, mas é também, uma forma de se alienar ao desejo do Outro. A separação desse desejo e a descoberta de que falta algo ao Outro pode não ser um caminho facilmente trilhado. A autolesão, pensada tanto como sintoma ou como *acting out* tem valor de verdade, e por permanecer como algo sem sentido ao sujeito, entra na via da repetição.

A partir de um debruçar-se sobre tantos *blogs* e principalmente pela análise dos textos, a autolesão gritou, *acting out* também virtual, uma vez que a exposição dos cortes em uma plataforma de acesso público torna-se também, uma atuação em que se aponta para uma demanda ao Outro, um Outro virtual (literalmente). A AD, por sua vez, nos permitiu olhar para esses discursos para além de sua opacidade, uma vez que a descrição das materialidades discursivas conduziu a uma desnaturalização dessas escolhas linguísticas e uma possibilidade de perceber ali um sujeito dividido entre a

interpelação ideológica (que dita os padrões de beleza, por exemplo) e a interpelação inconsciente, onde escapa o sujeito.

Os discursos das autoras que se autolesionam, mesmo em *blogs* de diferentes nacionalidades, mostraram uma demanda de amor. ‘O amor não vem por não ser perfeita?’ ‘Por ser insuficiente?’ São algumas das perguntas que puderam ser encontradas. A dimensão do corte, como ato, irrompe como *acting out* que busca uma resposta: “não sou amada [...] não poderia ser amada”. “Quem iria querer amar alguém tão problemática?”

As autoras dos blogs mostram que cortes são realizados de forma a curar estas dores; as já sofridas, e as novas, que produzirão mais cortes, re-cortes, em um eterno processo de repetição. Pois ao mesmo tempo em que o corte propicia continuar vivendo, ele danifica o corpo imaginário. O sujeito sofre, seja por situação real ou fantasiada, sofre pela falta, materializando a sua dor no real do corpo, corpo esse que aparece marcado, inclusive no “corpo” da escrita, como no texto 3: “C-O-R-T-E-S”. A autolesão surge, então, como uma forma de romper com determinado sofrimento, que rompe a pele e que vem a romper também a palavra. Se não há espaço para o discurso, atua-se; Se não há retificação sobre o próprio sofrimento, repete-se.

Por fim, podemos afirmar que, antes de ser uma tentativa de suicídio, a autolesão aparece mais como uma forma de demandar a um Outro, de se mostrar a um Outro, enviando uma mensagem, podendo ser uma forma de dizer que aquela situação está insuportável, que não se aguenta mais. Aponta, portanto, para uma situação intolerável vivida pelo sujeito, a autolesão vem mostrar que, para algumas pessoas, a dor na pele é não é nada quando comparada à dor psíquica.

Referências:

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985.

BARROCAS, A. L. ; HANKIN B. L.; YOUNG J. F. ; ABELA J. R. Z. Rates of Nonsuicidal Self-Injury in Youth: Age, Sex, and Behavioral Methods in a Community Sample. *Pediatrics*, v. 130, n.1, 2012.

CALAZANS, R; BASTOS, A. Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.22 -n.2, p.245-256, Maio/Ago. 2010.

COELHO DOS SANTOS, Tania. Acting-out: o objeto causa do desejo na sessão analítica. Opção Lacaniana, *Revista Internacional de Psicanálise*, n. 29, p. 40-47, 2001.

CORTES QUE SALVAM. Disponível em:<<http://cortes-que-salvam.tumblr.com/post/66403371847/cortes-laminas-giletes-tesouras-choros>>. Acesso dia 04 de fevereiro de 2014.

DIAS, Maria das Graças Leite Villela. O sintoma: de Freud a Lacan. *Psicol. estud.* vol.11, n.2, pp. 399-405. ISSN 1413-7372, 2006.

FAVAZZA, A.R. Self-injurious Behavior in College Students. *Pediatrics*, v. 117, n. 6, p. 2283 – 2284, 2006.

FAGIN, L. Repeated self-injury: perspectives from general psychiatry. *Advances in psychiatric treatment*, v. 12, p. 193-201, 2006.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. *L&PM*. Ed., 2012.

FREUD, S. *Obras completas*. Volume 12. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, S. "Inibição, Sintoma e Angústia" (1926). *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969.

HAWTON, K ; JAMES, A. Suicide and deliberate self-harm in young people. *BJM*, v, 330, 2005.

JATOBA, M. M. V. *O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica*. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

KYRILLOS NETO, Fuad; DUNKER, Christian Ingo Lenz. O ineditismo na adolescência: originalidade, igualdade e repetição. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam*, v. 7, n. 3, p. 56-66, 2004.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LACAN, J. *O Seminário*. Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. *O Seminário*. Livro 10: A Angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. *O Seminário*. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. *O Seminário*. Livro 16: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *Escritos*. (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAUREANO, M. M. M. A interpretação (revelar e esconder sentidos): articulações entre análise do discurso e psicanálise lacaniana. Ribeirão Preto: 2008.

LINS, Tatiana; RUDGE, Ana Maria. Ingresso do conceito de passagem ao ato na teoria psicanalítica. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, v. 4, n. 2, p. 12-23, 2012.

MINHA QUERIDA LÂMINA. Disponível em: <<http://minha-querida-lamina.tumblr.com/post/64796508832>>. Acesso dia 05 de fevereiro de 2014.

MUEHLENKAMP, J.J ; CLAES, L. ; SMITS, D. ; PEAT, C.M ; VANDEREYCKEN, W. Non-suicidal self-injury in eating disordered patients: A test of a conceptual model. *Psychiatry Research*, v. 188, p. 102 -108, 2011, available at *ScienceDirect*.

NASIO, J. D. *Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

NASIO, J. D. *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

NOCK, M. K ; PRINSTEIN, M.J. A functional approach to the assessment of self-mutilative behavior. *J Consult Clin Psychol*, v. 72, p. 885-890, 2004.

NOCK, M.K; PRINSTEIN, M.J. Contextual Features and Behavioral Functions of Self-Mutilation Among Adolescents. *Journal of Abnormal Psychology*, v. 114, n. 1, p. 140 - 146, 2005.

OLIVEIRA, M.C.A. O sintoma é o que de mais real o sujeito porta. Do sintoma...ao Sinthoma. *Letra Freudiana*. Nº17/18. Ano xv. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 7ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4 ed. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

POLLO, V. Como responder ao sintoma que é "evento corporal"? *Stylus Revista de Psicanálise*. Rio de Janeiro. nº27. p. 1-156. Outubro, 2013.

QUINET, A. *A descoberta do Inconsciente*. Do desejo ao sintoma. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ROSS, S; HEATH, N. A study of the frequency of self-mutilation in a community sample of adolescents. *J Youth Adolesc*, v. 31, p. 66–77, 2002.

SANTAELLA, Lucia. O corpo como sintoma da cultura. Comunicação, Mídia e Consumo: Revista da *Escola Superior de Propaganda e Marketing*, São Paulo, ESPM, 2004, v.1 n.2, p.139-157, 2004.

SOLER, C (2010). *Estatuto do significante mestre no campo lacaniano*. Conferência no Séminaire du Champ Lacanien.

SO CLOSE TO SUICIDE. Disponível em: < cuts--everywhere.tumblr.com/post/75284560214/depression-blog-trigger-warning>. Acesso dia 03 de fevereiro de 2014.

TFOUNI, L.V. Entre a Análise do Discurso e a Psicanálise, a Verdade do Sujeito — Análise de Narrativas Oraís. *Revista Investigações*, v.18, nº5, 2005.

UMA MORTA VIVA. Disponível em: < <http://www.uma-morta-viva1.tumblr.com/>>. Acesso dia 09 de setembro de 2013.

WHITLOCK J, ECKENRODE J, SILVERMAN D. Self-injurious behaviors in a college population. *Pediatrics*, 117:1939–1948, 2006.

WOOD, A. Self-Harm in Adolescents. *Advances in Psychiatric Treatment*, v.15, p. 434-441, 2009.

CUTTING: THE DISCOURSE ABOUT THE FEMALE SELF-INJURY ON TUMBLR

ABSTRACT:

The self-injury is a subject that only recently has been studied in Brazil (and relates directly with the female people). Thereby, the objective of this work was investigate the female self-injury's discourse on Tumblr (a social network). To achieve this, our work parts from the Lacanian Psychoanalysis and the Discourse Analysis theory. We selected four imagistic and verbal texts from blogs where the bloggers shows the self-injury practice on the explicit ways. The research data were analyzed considering the self-injury practice from two theoretical hypotheses: The concepts of *Symptom* and *Acting-out* from psychoanalysis. The analysis of *corpus* makes possible to realize that two questions pervades the discourses about self-injury: the first is about the demand directed to the big Other, and second indicates a particular way to avoid anguish and suffering.

KEYWORDS: Self-Injury. Tumblr. Discourse Analysis. Psychoanalysis. Lacan.

(RE) COUPURES: LE DISCOURS SUR L'AUTOMUTILATION FÉMININE SUR TUMBLR

RÉSUMÉ:

L'automutilation est un thème abordé sous forme récente au Brésil et a un rapport plus direct avec le public féminin. Ce travail a eu pour but d'examiner le discours concernant l'automutilation féminine sur la plate-forme *blogging Tumblr*. Pour en entreprendre, nous nous sommes ancrés aux apports théoriques de la Psychanalyse lacanienne et de l'Analyse du Discours. Les données ont été analysées en tenant compte de l'automutilation à partir de deux hypothèses théoriques, ayant pour base la Psychanalyse: le Symptôme et l'*Acting out*. À partir de l'analyse du *corpus* a été possible de noter que ce qui traversait les discours à propos de l'automutilation sur *Tumblr* impliquait deux questions: une demande adressée à un Autre; et une forme particulière d'évitement de l'angoisse et de la souffrance.

MOTS-CLÉS: Automutilation. Tumblr. Analyse de Discours. Psychanalyse. Lacan.

Stephanie Cristin Otto e Kátia Alexandra dos Santos

Recebido em: 10-02-2015

Aprovado em: 18-04-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista